

CRISE. Defesa Civil estima que mais de 415 mil alagoanos enfrentam dificuldades por causa da falta de água

SECA ATORMENTA ALAGOANOS



Canal do Sertão já é uma realidade que ajuda na redução dos efeitos da seca, mas sua eficiência ainda dependeria da capacidade do Estado em fazer a gestão de suas águas

Falta de chuvas deixa 36 municípios alagoanos em estado de emergência; Estado tenta minimizar danos por meio do Canal do Sertão e de carros-pipa

**Prejuízo**

Briseno, ressaltando que essas ações são da competência da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh).

No Dia Mundial da Água, alagoanos enfrentam dificuldades por causa do desabastecimento

CARROS-PIPA

Mas, enquanto essas obras são apenas projetos, os municípios minimizam os efeitos da estiagem com o abastecimento por carros-pipa, uma medida que vem sendo utilizada há décadas, mas de discutível efeito. Mesmo sendo distribuída sob controle do Exército Brasileiro, nem sempre a água chega democraticamente a todos que precisam. Outra queixa é quanto à sua qualidade, muitas vezes insalubre, a ponto de provocar doenças em quem consome o líquido que vem do abastecimento por carro-pipa.

"A utilização de carros-

pipa é necessária em casos extremos, onde não há mananciais em condições de abastecer a população em situações de seca, e onde o sistema de abastecimento público não atende a todos", avalia o vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Hídricos. Para ele, o carro-pipa é uma alternativa complementar para atingir localidades onde não se justifica o alto investimento em tubulações.

Já o assessor técnico da Casal, engenheiro Jorge Briseno, avalia que a questão está diretamente ligada às obras de infraestrutura. Ele revela que o Estado está se preparando para evitar, ou pelo menos amenizar, o drama da seca, dando andamento a projetos como a ampliação dos sistemas adutores e interligação ao Ca-

nal do Sertão. "Enquanto não se constroem essas infraestruturas, os carros-pipa são a melhor alternativa", afirma Briseno.

O Canal do Sertão tem como propósito "a desenvolver o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida da população em seu entorno. Mas, como afirma o professor Vladimir Caramori, sua eficiência para minimizar os efeitos da seca depende da capacidade do Estado em fazer a gestão de suas águas.

"É preciso definir quem pode tirar água, quanto pode tirar, de que forma e quanto deve pagar pelo uso. Simplesmente trazer o canal até a região de Arapiraca, sem criar as condições de acesso e de uso das águas por onde ele passa, não garante grande benefício", argumenta ele. ●

Leia mais na página D2

**VLADIMIR CARAMORI DE SOUZA**

PROFESSOR E VICE-PRES. DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HÍDRICOS

"As secas prolongadas provocam efeitos também prolongados"

BLEINE OLIVEIRA
REPÓRTER

É com palestras, visitas técnicas aos municípios, jogos educativos e peças teatrais que a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), o Instituto do Meio Ambiente (IMA) e a Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal) vão marcar a passagem do Dia Mundial da Água, neste domingo, 22. As ações, que se estenderão por toda a semana, são importantes como processo de conscientização, mas insuficientes se considerarmos que, este ano, a falta de chuvas deixou 36 municípios alagoanos em estado de emergência.

O quadro de seca registrado no início de fevereiro último, que levou a Defesa Civil a estimar que mais de 415 mil alagoanos estejam sofrendo com a falta de água, continua. "As secas prolongadas provocam efeitos também prolongados", ressaltou o professor Vladimir Caramori Borges de Souza, do Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Hídricos.

Segundo ele, a chuva registrada até o momento ainda não é suficiente para encher os pequenos açudes e barreiros que abastecem as comunidades rurais. A situação está ocorrendo em todo o Nordeste brasileiro, que vive um período de seca bastante severo. "Estamos com três anos consecutivos de chuvas bem abaixo da média", explica o professor Caramori.

É de conhecimento geral que as secas e inundações são processos naturais e de certa periodicidade. Em 2013, o Nordeste registrou sua pior seca em 50 anos, dado destacado no relatório "Declaração sobre o Estado do Clima", divulgado em março de 2014, pela Organização Meteorológica Mundial. O relatório, elaborado desde 1961, traz informações sobre chuvas, inunda-

ções, secas, ciclones tropicais, as camadas polares e o nível do mar em cada região do planeta.

Por aqui, a própria Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal) admite que está adotando medidas que poupam água, para garantir o abastecimento dos municípios em situação mais crítica de abastecimento. A razão é, segundo a empresa, a falta de água em seus mananciais. Os municípios de Satuba e Santa Luzia do Norte, na região metropolitana de Maceió, Estrela de Alagoas e Minador do Negrão, na Região Serrana, são citados.

Para o professor Vladimir Caramori, os municípios da Zona da Mata e a capital têm uma situação relativamente tranquila. Nesta região, os mananciais são de boa qualidade e com vazão suficiente para o abastecimento público. No restante do Estado, as áreas urbanas dos municípios são abastecidas com água do Rio São Francisco, através de sistemas coletivos.

"Nesse caso, o custo de operação é bastante alto, mas a qualidade da água captada é boa, apesar de ainda exigir tratamento para torná-la potável", resalta o especialista. Porém, a população que vive em pequenas localidades rurais ainda é abastecida de forma primitiva: lhes sobram barreiros e pequenas fontes, cuja qualidade da água não está assegurada.

Ou seja, muitas comunidades da área rural continuam com abastecimento precário, ou sem abastecimento. Entretanto, o assessor técnico da Casal, engenheiro Jorge Briseno, afirma que o Canal do Sertão já é uma realidade que ajuda muito na redução dos efeitos da seca.

Além disso, revela ele, estão previstos projetos de construção de elevatórias e captações ao longo daquela obra. Também estão previstos sistemas integrados de saneamento rural (Sisar) para atender às populações afastadas dos centros urbanos, assegura